

O impacto do uso ritual da ayahuasca como potencial mobilizador de processos subjetivos de saúde – uma análise de perspectiva histórico-cultural

Víthor Hugo Nóbrega de Souza

Brasília

Junho 2021

O impacto do uso ritual da ayahuasca como potencial mobilizador de processos subjetivos de saúde – Uma análise de perspectiva histórico-cultural

Relatório de pesquisa apresentado como requisito parcial para obtenção de menção avaliativa na disciplina Estágio básico II, sob orientação da Profa.Dra. Valéria Deusdara Mori

Vithor Hugo Nóbrega de Souza

Brasília

Junho 2021

Introdução

O uso ritual da bebida indígena ayahuasca, em centros urbanos, é um fenômeno que se deu por meio da criação de três grupos religiosos com características de sincretismo religioso: o Santo Daime, a União do Vegetal (UDV) e a Barquinha, entre as décadas de 1930 e 1960. Já na década de 1990 em diante, com o advento da Nova Era, grupos diversos, nos seus delineamentos rituais, compõem o cenário de “neo ayahuasqueiros”, no Brasil (LABATE 2000).

Esses grupos permeiam um sincretismo religioso abrangente e congregam pessoas adeptas do fenômeno social chamado Nova Consciência Religiosa. Esse fenômeno social diz respeito a uma tensão entre o modelo de religiosidade/espiritualidade antigo e o modelo moderno (SOARES, 1990)

Neste modelo moderno de vivência do divino, as doutrinas são vistas como modelos autocráticos que ferem o sujeito em sua liberdade e restringem a sua amplitude potencial com relação ao acesso a tipos diferentes de linguagens que indiquem caminhos outros para atingir a experiência de consonância com o divino. A adesão a certos princípios e valores morais, mudanças de atitude e pensamento frente às relações (consigo, com o outro, com a natureza e com o cosmos) figuram como fatores que conferem pertencimento, configurando uma influência coletiva na elaboração de significados pessoais para as experiências místicas que obtenham, decorrentes de sua busca espiritual, dentro dessa conformidade moderna de religiosidade (SOARES, 1990).

O crescente número de adeptos às práticas xamânicas, orientais e/ou alternativas, nos grupos da nova consciência religiosa, pode se dever ao fato de que nesses casos a experiência com o sagrado passa a ser orgânica, experimentada no corpo, deixando de ser etérea e intelectual como antes era apresentada e disponibilizada (TAVARES, 2012)

Fato interessante é a verificação, por pesquisas, de o uso ritual da ayahuasca carregar potencial terapêutico, levando a reestruturação e reordenamento de significados pessoais, modificando suas formas de agir no

mundo, trazendo a tona processos de saúde para o indivíduo. Esse potencial terapêutico demonstrou eficácia em tratamentos contra depressão, ansiedade, e dependência química. (ASSIS & LINS, 2014; BARBOSA 2008; FABREGAS et. al., 2010; FONTES, 2017; VELDER 2013;)

As mesmas pesquisas assinalaram, em suas considerações finais que o fator da influência do meio social sobre os resultados obtidos deveria ser observada e que a magnitude de sua interferência seria, ainda, um fator importante a ser investigado pelos pesquisadores que se engajam na construção de um conhecimento científico sobre o fenômeno Ayahuasca e seus desdobramentos na saúde física e mental de quem faz seu uso ritual.(ASSIS & LINS, 2014; BARBOSA 2008; FABREGAS et. al., 2010; FONTES, 2017; VELDER 2013)

Uma análise qualitativa, a partir de um enfoque histórico cultural, dos relatos de um participante experiente, permitiria visualizar, nas configurações de subjetivas individuais, a dinâmica configuracional das inter relações entre a subjetividade social e a subjetividade individual no processo de subjetivação da experiência do uso ritual da ayahuasca., conferindo uma resposta a essa lacuna metodológica discriminada pelos autores supracitados, auxiliando no caminho de uma validação científica do conhecimento produzido, aparando as arestas naturalmente encontradas na investigação de fenômenos sociais e psicológicos complexos.

Compreender com maior amplitude os aspectos plurais de inter atuação dessas categorias da subjetividade, nos caminhos singulares e imprevisíveis, assumidos na produção de sentidos subjetivos é um caminho para delimitar mais clareza sobre sua dinâmica configuracional tanto nos processos de subjetivação da experiência com a ayahuasca, quanto na manifestação processos de saúde que possam adquirir sustentação, sem a implicância de causalidade, a partir da reordenação de configurações subjetivas, antes atreladas às estruturas do processo de adoecimento.

Objetivos

Geral: Compreender processos de subjetivação da experiência com a ayahuasca e potencial mobilização de processos de saúde da pessoa que a utiliza

Específico: Compreender processos da subjetividade social e da subjetividade individual relacionados à prática do uso ritual da ayahuasca

Fundamentação Teórica

Os conceitos de saúde e de subjetividade

Entende-se por saúde um processo permanente de interação que compõe uma transversalidade pungente, mas não determinista, com os aspectos simbólicos da produção de sentido social e individual.(Mori & González Rey, 2012)

Para Mori e González Rey (2012), a subjetividade é um processo dinâmico e de permanente construção que mantém estreita relação entre o histórico e o atual representados na vivência do sujeito que, a partir disso, gera sentido e significado perante as suas experiências pessoais. Por “sentido” entende-se a instância simbólica e emocional de uma vivência que se traduz em significados, de acordo com o que já teve de experiências na vida, bem como utiliza como recurso para a produção deste sentido, representações simbólicas e emocionais compartilhadas socialmente.

Essa inter-relação aloca a subjetividade como individual e social ao mesmo tempo, superando dicotomias que levam à evidência de um fator em detrimento do outro, o que amplia e enriquece as possibilidades interpretativas, quando do estudo do conceito. A subjetividade é, portanto, um processo próprio, individual e dinâmico e considera a unicidade do sujeito e sua participação ativa relacional, dentro do âmbito social, na criação de sua visão de mundo e de sua realidade. Esse é o entendimento sobre subjetividade que será adotado para fins de análise. (Mori & González Rey, 2012)

É a partir da subjetivação dessa experiência simbólica entre o conceito, a vivência atual, sua história de vida e as demarcações culturais e históricas envolvidas que o sujeito configura seu próprio conceito e vivência de saúde e encaminha sua ação a partir do sentido por ele configurado, a mesma será novamente fonte de interação para novos significados, gerando novas ações, o que confere, dentro da teoria da subjetividade, o caráter processual, contínuo e plural, rompendo com as visões dicotômicas comumente associadas a subjetividade e aos processos de subjetivação no decurso histórico da discussão dessa categoria na Psicologia.(Mori & González Rey, 2012).

Nas palavras de González Rey (2015):

“(...)Nessa perspectiva, cultura, subjetividade e instituições são processos inseparáveis, na medida em que a cultura e as instituições são consideradas como produções subjetivas que encontram suas formas de objetivação nos sistemas naturalizados que cada nova geração enfrenta como o “mundo real” e que, no curso de suas práticas e de suas histórias, será modificado por novos mundos, simbolicamente engendrados com as novas ferramentas culturais que cada geração irá produzir no curso de sua história. Esses novos mundos aparecem como realidades constituídas por práticas de origem cultural, naturalizadas como “reais” a partir das novas formas de subjetivação que elas implicam.” (González Rey, 2015, pp.10).

O modelo biomédico de saúde, em consonância demarcada em seu nível social, como prática normalizada do conceito de saúde na sociedade atual, pelo capitalismo financeiro, fragmentou o corpo como um grupo de órgãos que operam de forma independente entre si e negligencia a complexa trama simbólica por detrás do adoecimento, tratando apenas sintomas, não pessoas. (González Rey, 2015).

Como reflexo da mobilidade das normatizações entre gerações, antes de atingir o patamar da teoria da subjetividade, o modelo de saúde seguiu se aprofundando. O modelo biopsicossocial de saúde ganha, aos poucos, representatividade na ciência, mas ainda sem considerar o sujeito como agente consciente nesse processo de construção e legitimidade normativas.

Neste sentido, à guisa de ilustração, Mate (2014) sublinhou que para além do acaso de más formações ou funcionamento genéticos e afora as causas externas como bactérias e vírus, há que se considerar as dimensões psicológicas/emocionais e simbólicas no decorrer da vida do sujeito, com marcações de ordem cognitivista, porém inconscientes, implicadas para o estabelecimento da doença.

Mate (2014) propôs então que uma quarta categoria, espiritual, seria inerente à natureza humana e por isso deveria ser também considerada. Em sua proposição ele defendeu que caso essa nova categoria pudesse ganhar espaço nos programas de tratamento e fosse conduzida pelo médico ou terapêuta, de forma a integrá-la, de acordo com as crenças do paciente, produziria efeitos terapêuticos no sentido de adesão ao tratamento visto que a expressão dessa categoria se daria pela consideração de uma, natural, busca do indivíduo por um equilíbrio emocional para o desenvolvimento e implementação de processos de saúde, que findaria por acontecer uma vez que se tornasse consciente aquilo que estava inconsciente, isto é, as raízes emocionais por trás do adoecimento.

Com efeito, percebe-se que a elaboração de sentidos subjetivos, por parte dele, como pesquisador, sujeito ativo na configuração de sentidos em sua sociedade, direcionou seu olhar e ação em via oposta as configurações sociais de sentido vigentes até então, introduzindo outro modelo teórico de saúde, que chamou de modelo holístico de saúde, pela incorporação desta quarta categoria a ser considerada.

Esse manejo de atuação denota um pensamento crítico reflexivo singular de sua subjetividade, articulando sua interação com o ambiente social onde atua, como cientista, com suas experiências pessoais como profissional atuante da clínica médica e lança mão de uma nova abordagem sobre o tema, a qual deverá ser fruto de apreciação por seus colegas de profissão, figurando como subjetividade social para aqueles que interajam com suas proposições, sendo ou não validadas por eles, a partir de seus próprios processos de subjetivação. Dessa forma, o caráter dinâmico das inter relações entre a subjetividade social e individual pode ser atestado

Mate (2014) acompanha a linha cognitivista de pensamento do conceito de saúde que situa uma relação causal externa tanto ao stress quanto ao desenvolvimento de estratégias responsivas a este, o coping, postulado por Lazarus e Folkman (1994).

Essa linearidade racionalista representa ainda uma limitação, pois não dá conta das singularidades dos processos subjetivos que se apresentavam na

geração e manutenção de processos de saúde ou doença, nas pessoas (González Rey, 2015).

Até o momento, a literatura de estudos sobre efeitos terapêuticos e eficácia da ayahuasca como possível tratamento de doenças associadas ao sofrimento psíquico, seguem essa linha epistemológica.

Talvez a resposta para o incômodo encontrado pelos pesquisadores acerca da influência do meio social nos resultados de suas pesquisa, considerando essa uma variável que pode colocar em xeque a credibilidade positivista do conhecimento produzido, repousa justamente em uma nova escolha epistemológica de análise que permita o entendimento da inseparabilidade das dimensões social e individual na produção de sentidos subjetivos que conduzam à mobilização de processos de saúde/doença sem que se beneficie qualquer via dessa relação de contínua construção.

Dinâmica Configuracional da Subjetividade - Interação Não Causal/ singular e plurideterminada entre subjetividade social e subjetividade individual; Núcleos ou Zonas de sentido; Configurações subjetivas; Personalidade

O conjunto de sentidos subjetivos que se desenrolam, pelo fenômeno da subjetividade, durante a história de vida da pessoa, constituem, em caráter de construção permanente, o delineamento das configurações subjetivas e zonas ou núcleos de sentido. (Miyasaki, 2007).

A organização desses dados é imprevisível, singular, dinâmica e sistêmica, sendo plurideterminada pelos aspectos totais da subjetividade, com as demarcações das relações histórico culturais que o sujeito trava nos ambientes sociais que delimitam e constituem sua expressão no mundo. (Miyasaki, 2007).

As configurações subjetivas conferem coerência afetiva aos sentidos subjetivos já elaborados no decorrer da vida e servem de base para orientar futuros processos de subjetivação, direcionando à elaboração um sistema aparentemente estável de produção de sentidos subjetivos. Fazendo transparecer padrões na forma de sentir, pensar e agir no mundo,

características que emolduram o conceito de personalidade defendido por González Rey. (Miyasaki, 2007).

Maleabilidade das Configurações Subjetivas - Construção

Permanente: Características da Reordenação de Sentidos Subjetivos. Por seu caráter interatuante com a relação a produção de sentidos subjetivos e a organização sistêmica e dinâmica da emocionalidade expressa no processo de subjetivação de experiências, as configurações subjetivas estão passíveis de reorganização, se submetidas a vivências que arrolem tensionamento entre os sentidos subjetivos já elaborados e que sugestionem a possibilidade de uma produção de novos sentidos subjetivos, como, por exemplo, na psicoterapia. (Miyasaki, 2007; Mori, 2019).

Mori (2019) refere:

“Os diferentes processos subjetivos envolvidos na sua experiência se organizam de maneira diferenciada na tensão do momento atual com as diferentes representações, crenças e emoções que se organizaram em outras áreas da vida em outros momentos, e se articulam em processos de sentido subjetivo que modificam ou não as configurações subjetivas atuais com relação ao conflito.” (Mori, 2019 pp. 189).

A atitude do psicólogo na condução do processo psicoterápico se dá a partir de uma postura que facilita a ação dinâmica da pessoa direcionando uma disponibilidade para uma atitude de percepção reflexiva, dialética, dialógica, ativa, consciente, apoiada na segurança do vínculo e setting terapêutico. Isto é, um ambiente social delimitado por uma relação não jugacionista capaz de promover maior amplitude reflexiva sobre os conteúdos simbólico emocionais que se fazem participativos na estruturação do sofrimento da pessoa. (Miyasaki, 2007)

Essa percepção dialética assumida pela pessoa em atendimento, estimulada pela atitude do psicólogo na condução do processo psicoterápico, carrega o potencial de amplificar a noção de plurideterminação dos fatos e

circunstâncias da vida, ao tornar consciente os processos subjacentes às produções de sentidos, incluindo as relações influenciantes pertinentes a subjetividade social, a partir noção das representações sociais em vigor atuantes em seus momentos de ocorrência, desfocalizando a coerência afetiva das configurações subjetivas outrora elaboradas, como único aspecto a ser considerado, agora conscientemente (como resultado da relação dialógica), abre potencial caminho para a produção de novos sentidos subjetivos, tendo a pessoa atendida um com papel ativo nesse manejo de sua própria subjetivação. (Miyasaki, 2007).

Sobre relação dialógica como uma experiência de possível mobilização para a construção de novos processos de subjetivação de experiências passadas já subjetivadas e a viabilidade potencial consequente de novas configurações subjetivas tomarem lugar das antigas outrora elaboradas, Mori (2019) pontua:

“É importante reconhecer a pessoa em psicoterapia como sujeito do seu processo de vida. As ações do psicoterapeuta devem se orientar no sentido de favorecer a emergência da pessoa como sujeito.(...)” “(...) O diálogo em psicoterapia possibilita ao psicoterapeuta levantar hipóteses e provocar reflexões para que a pessoa em tratamento seja tensionada e mobilizada na configuração de diferentes processos de subjetivação.(...)” “(...)O processo dialógico pela sua qualidade relacional pode ser gerador de sentidos subjetivos que favoreçam a abertura para caminhos de desenvolvimento.”(Mori, 2019, pp. 190 - 191).

O distúrbio passa a ser visto como resultado de singulares configurações de sentido que se desenvolveram em um dado momento histórico da vida da pessoa e adquiriu tamanho peso simbólico emocional que impede novas configurações de sentido tomarem lugar, fixando o sujeito no sofrimento, bem como os processos de saúde são resultado de novas configurações de sentido subjetivos, construídos pela relação simbólico – emocional que o sujeito vivencia pela tensão entre ele e suas relações com as

configurações coletivas de sentido, demarcadas nos ambientes sociais pelos quais transita. (González Rey, 2015).

Sobre esse aspecto da maleabilidade das configurações subjetivas e seu reordenamento viável mediante novas experiências e ambientes sociais, eixo investigativo do presente trabalho, nos aponta Souza e Torres, 2019:

Em sua multiplicidade de origens, os sentidos subjetivos implicam processos diferentes e simultâneos. Desse modo, as qualidades transitória, maleável, instantânea e dinâmica dos sentidos subjetivos envolvidas naqueles processos, não permitem seu “aprisionamento” a nenhuma significação determinista de uma experiência ou definição antecipada do resultado de seus percursos. O movimento interminável gerador de sentidos subjetivos no curso de nossas experiências organizarão, em novas produções subjetivas, o encontro do passado com o presente” (Souza e Torres , 2019, p. 42).

A partir disso, o rearranjo dessas configurações subjetivas podem propiciar coerências afetivas, através de novas configurações subjetivas, que articulem mudanças na forma de sentir, pensar e agir no mundo, potencializando o direcionamento da pessoa para processos subjetivos de saúde, tendo influência sobre o restabelecimento da saúde mental em pessoas que apresentam adoecimento psíquico (Mori, 2019)

Os relatos acerca da experiência com a ayahuasca apresentam uma constante geral: a vivência de um processo dialógico consigo mesmo, muitas vezes relacionadas com o trabalho em psicoterapia, porém, com uma particularidade que parece ter relevância sobre a eficácia verificada acerca da mudança de sentidos atribuídos experiências traumáticas ou processadas com base em emoções capazes de produzir sofrimento psíquico: a própria pessoa, não um terceiro, está promovendo o movimento de tensão entre suas crenças e elaborações emocionais dadas na ocorrência da memória e/ou sentimentos revisitados, durante o efeito psicológico produzido pela ayahuasca. Esse momento dialógico consigo mesmo, sem estar atravessado pelas

representações sociais dispostas sobre o aspecto da ilegitimação da pessoa como sujeito de sua própria vida, quando de se tem “um outro” “falando o que se deve fazer” ou “questionando a adequação dos sentimentos vivenciados em uma dada situação de vida”. Esse é um filtro que aparece na relação psicoterápica e pode se configurar como um bloqueio real para o bom fluxo do processo. Esse fenômeno dialógico, de espelhamento subjetivo, próprio do processo subjetivo que se dá em decorrência do uso da ayahuasca, pode ser responsável; considerando a dificuldade da pessoa em deslegitimar a si mesmo como próprio inquisidor e salvador, dado o aspecto paradoxal desse fenômeno; por uma maior disponibilidade afetiva para um engajamento em empreender reordenações sentimentais e/ou comportamentais que impliquem no restabelecimento da saúde. (Velder, 2013).

Apesar de não se utilizar da mesma premissa epistemológica, a autora acima citada, explora os mesmos fenômenos a que se referem os autores que trabalham com a teoria da subjetividade: O potencial terapêutico da dialogicidade e a dialogicidade como caminho para o potencial desdobramento de processos de subjetivação que possam fluir para descrystalizar crenças e sentimentos negativos atrelados a experiências do passado, redimensionando o sofrimento e abrindo caminho para processos de saúde.

Esse diálogo fenomenológico entre epistemologias diferentes faz entender que a busca sobre o entendimento do fenômeno: o potencial terapêutico do uso ritual de ayahuasca pode ser empreendida sob diversas ópticas epistemológicas.

A perspectiva histórico – cultural de saúde e de subjetividade supera o modelo bio – psico – social e até mesmo o modelo holístico de saúde, proposto por Mate (2013), por considerar o caráter configuracional impresso na dinâmica humana de vivenciar experiências e, de forma única, mesmo que imersas numa corrente cultural comum, elaborar sentidos para elas, os quais irão demarcar simbolicamente suas atitudes e ações no mundo. (González Rey, 2015)

Observar o caráter de multideterminação, singularidade e processualidade que essa epistemologia permite é abrir um caminho para um

entendimento mais claro do fenômeno e promover uma integração entre os estudos já realizados.

O estudo buscará; a partir do modelo teórico elaborado quanto a subjetivação do participante de pesquisa acerca das suas experiências do uso ritual de ayahuasca e o impacto simbólico emocional causado (por ele atribuído), que possa ter tido influência na mobilização processos subjetivos de saúde; compreender a dinâmica subjetiva que se dá para a efetivação do potencial terapêutico assinalado por pesquisadores de diferentes abordagens epistemológicas.

Método

A pesquisa será de ordem Qualitativa e escolherá a epistemología qualitativa proposta por González Rey (2005) como caminho para realizar a observação da realidade e a construção de informação a que se propõe.

Como instrumento, para a construção da informação a que se propõe, foi utilizada a técnica de dinâmica conversacional.

A conversação objetiva conduzir a pessoa a campos significativos de sua experiência pessoal, o que faz com que se envolva nos sentidos subjetivos que dão forma a sua subjetividade. A partir daí o discurso carrega consigo necessidades, conflitos e reflexões, gradativamente atingindo o âmbito das emoções que então leva ao fluxo de novos processos simbólicos que mantêm a constância emotiva do processo, a instância das emoções torna possível a autenticidade da expressão do sujeito. A fala autêntica é entendida como um fragmento vivo do sujeito locutor. (González Rey, 2005)

A conversação, em formato de dinâmicas conversacionais, é uma contraproposta à corrente comum que permeia, nas metodologias qualitativas, o entendimento de que a entrevista semiestruturada é o recurso mais adequado para se atingir os objetivos de investigação. (González Rey, 2005)

O novo instrumento investigativo, introduzido na área das pesquisas qualitativas a partir das considerações de González Rey (2005), é caracterizado por um momento de conversação onde a relação entre entrevistador e entrevistado configuram um espaço de autenticidade e espontaneidade, essa postura garante o aparecimento, de forma natural, dos aspectos significativos do sujeito que circunscrevem suas crenças, valores e os sentidos únicos que o mesmo dá a sua própria experiência, o que se converte na riqueza subjetiva nos discursos e relatos e configura, portanto, uma maneira eficaz, no que tange a coleta de dados para uma pesquisa qualitativa que tenha como objeto central de estudo a subjetividade. (González Rey, 2005).

A entrevista e a conversação diferem pela natureza dos seus processos. A primeira tem caráter instrumental em si, pois o pesquisador parte de questões feitas a priori, e o espaço de diálogo se centra nas respostas dadas pelos participantes, não pela qualidade da conversação, pois a implicação do pesquisador se limita à instrumentalização, que não envolve sua interação como participante do processo subjetivo que se inicia. A conversação caracteriza-se pela processualidade da relação pesquisador sujeito, “apresenta uma aproximação do outro em sua condição de sujeito e persegue sua expressão livre e aberta” (González Rey, 2005, p.49, citado por Mori & Gonzalez Rey, 2011).

A análise utilizou o método construtivo interpretativo, nesse método, a partir da fala do participante, o pesquisador deve proceder conjecturas de significados, sobre os conteúdos simbólico emocionais presentes nos processos de subjetividade expressados durante o diálogo. A essas conjecturas de significados elaboradas pelo pesquisador, dá-se o nome de indicadores de sentido subjetivo, responsáveis pelas hipóteses elaboradas acerca do funcionamento singular da subjetividade do participante, para então buscar extrapolar o conhecimento obtido e contribuir para a investigação do fenômeno estudado. (González Rey, 2005).

Cenário de Pesquisa

Não houve dificuldade para encontrar participantes de pesquisa. Ao todo, realizei dinâmicas conversacionais com três pessoas do meu círculo de contatos, que demonstraram interesse em participar da pesquisa, de forma voluntária.

O caso L foi escolhido pelo número maior de indicadores de sentidos subjetivos que foi possível identificar, a partir do relato de sua história de vida, registrado em nossas conversações, conferindo a este trabalho um material de rico conteúdo simbólico emocional para análise.

Foi utilizada a plataforma “*stream yard*”, suporte que viabiliza as chamadas “*lives*”, da rede social “*youtube*”, onde L mantém um canal de informação e entretenimento. L sugeriu o uso da plataforma por possuir familiaridade com seu manejo e também pela privacidade que é capaz de proporcionar (utilizando o modo “*teste*”, a gravação fica disponível apenas para o dono do canal e para quem possuir o link, gerado ao final da gravação, pelo proprietário. Dessa forma, garantiu-se o aspecto do sigilo e ética nesta pesquisa.

Dessa forma, L fez os preparativos e no dia 19 de maio, às 8:00 horas, conforme combinado, nos encontramos em seu espaço virtual, na referida plataforma, através do link enviado por ela.

A primeira dinâmica conversacional teve duração de duas horas e quinze minutos. Uma segunda dinâmica conversacional foi marcada para darmos continuidade ao seu relato. Esse outro encontro durou uma hora e 58 minutos. Ao todo, um total de quatro horas e 13 minutos de material gravado foi obtido para a realização do estudo.

Construção de informação

Após contato inicial por whatsapp, quando foi explicado o teor da pesquisa e perguntado sobre o interesse em tomar parte como participante da pesquisa L, 30 anos, gênero biológico feminino, adepta experiente do uso ritual de ayahuasca, desde 2014, prontamente assegurou seu interesse na participação. Foi encaminhado para L o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, o qual foi então assinado eletronicamente e devolvido.

No contato pelo whatsapp, no dia 18 de maio de 2021, expliquei como seria o funcionamento das dinâmicas conversacionais e o que eu gostaria de abordar, por meio de perguntas e provocações. Pedi que fosse o mais abrangente possível, com relação a experiências, sentimentos e relações que considerava importantes para a construção da pessoa que é hoje. Pedi que pudesse explorar essa demanda, desde ocasiões da sua infância.

Além disso, solicitei também que pudesse me relatar a história de como o uso ritual da ayahuasca chegou na sua vida e que pudesse me relatar detalhes dos processos vivenciados sob o efeito, bem como o que essas experiências teriam trazido para a sua vida, em termos de sentimentos, emoções, relações e significados.

Afirmei que o tempo era livre para sua fala e pedi que ela se expressasse exatamente da forma que desejasse. Procurei explorar algumas perguntas e provocações amistosas, para que então, no decorrer da conversação eu pudesse não interromper seu fluxo de pensamentos e subjetividade que no momento estivesse ocorrendo.

Dessa forma, foi alcançado um relato autêntico, sublinhado por momentos de emocionalidade que possibilitou a percepção de indicadores de sentido subjetivo aparentes em seu discurso, quando L se referia a episódios e situações específicas ao longo de sua história de vida, bem como, também foi possível identificar indicadores de sentidos subjetivos com relação aos processos de subjetivação demarcados pelas experiências do uso ritualístico de ayahuasca, e os impactos que essa prática representam em sua vida.

Ademais, a presença demarcada da subjetividade social em todos os tipos de experiência que seu relato nos deu acesso é digno de nota e denota, na prática, as dinâmicas configuracionais interatuantes entre as subjetividades individual e social presentes no desenvolvimento e expressão da subjetividade. Segue uma caracterização de L e sua história de vida, para então, passarmos aos destaques simbólico emocionais encontrados e as pertinências da subjetividade social averiguados em seu discurso.

Caracterização de L - Sua história de vida

L, a participante da pesquisa tem 30 anos, foi vítima de abuso sexual por parte de um tio, dois primos e um irmão de idade aproximada à sua. À época L tinha entre 4 e 5 anos de idade. Os abusos tinham relação com a incitação sexual das crianças entre si, sem incluir práticas de penetração. L foi culpabilizada pela mãe, quando esta veio a descobrir. A reação familiar foi de negação, não havendo qualquer punição ao seu tio. O silenciamento e a culpabilização voltadas a L, por parte de sua mãe e seus familiares foi tamanho que essa memória permaneceu “esquecida” por 15 anos. Esta foi a primeira situação marcante em sua vida.

Além dos abusos sexuais sofridos, L relembra que sua família tinha uma cultura bem arraigada do “machismo”, inclusive com práticas de diferenciação de gênero, onde meninas não deveriam brincar com meninos de brincadeiras de meninas, pelo risco destes se tornarem homossexuais. Por sua condição de gênero feminino ela sofreu com o distanciamento forçado de seu irmão e seus primos em decorrência dessa postura familiar, sendo obrigada a brincar sozinha diversas vezes. Desejava poder ter uma irmã para poder brincar.

Seu ambiente familiar na infância era de violência doméstica, tendo L presenciado o espancamento de sua mãe repetidas vezes, por parte de seu pai.

Por volta dos 7 anos de idade, em decorrência de um espancamento que quase levou sua mãe a morte, o qual foi presenciado por ambos irmãos, teve seu primeiro contato com a ideação suicida como via de alívio para a dor, quando sua mãe, em desespero expressou para as crianças sua intenção de tirar

a própria vida, tendo cogitado inclusive a ideia de dar cabo de suas vidas, posto que não teria com quem deixá-los. Sua mãe, claro, demoveu-se da ideia em tempo, mas esse episódio também figura, de seu relato, como um dos eventos importantes de sua vida.

O desfecho dessa mesma situação foi uma fuga, armada as pressas por parentes da mãe, do Ceará, onde morava com os pais, para Brasília. A vinda repentina para a nova cidade implicou que L deixasse para trás amigos, brinquedos e animais de estimação. A partir de então passou a sentir essa emoção: medo de perder tudo denovo, de forma recorrente, mesmo sem ocasiões que não a justificassem. O arranjo dessa fuga inclusive guarda motivações familiares ligadas a uma redução de danos no sentido de distanciar as crianças do tio abusador, sendo um aspecto chamativo, a postura assumida pela mãe de L ao expressar sua concordância com o planejamento, posto que não desejava denunciar o marido da irmã, pois os meninos (sobrinhos) não poderiam crescer sem um pai.

L desenvolveu depressão, síndrome do pânico e ansiedade ainda durante a infância, com os primeiros episódios acontecendo por volta dos sete (07) anos de idade, perdurando até sua ultima tentativa de suicídio, a terceira, aos 15 anos de idade.

A necessidade de mentir na escola, sobre as motivações reais que trouxeram sua família para Brasília, ou até mesmo a necessidade de omitir. O aspecto do silenciamento imposto pela família a faziam ter que guardar para si os sentimentos de medo, angústia e luto gerados pela vivência da mudança repentina, sob as características singulares do evento anterior que a demarcou.

Na escola, L sofreu bullying em virtude de seu sotaque. A mesma prática era perpetrada por seus familiares. Sua autoestima foi sendo aos poucos afetada e L passou de uma criança extrovertida e comunicativa para uma criança retraída.

Não tinha problemas com o rendimento escolar, até precisar assumir as tarefas escolares do irmão, um ano mais velho, a mando da mãe. A sobrecarga começou a afetar os estudos. Aos 14 anos, ao ficar em dependência na

disciplina de matemática, L foi obrigada, pelos pais, a repetir toda a série, para que estudasse com o irmão.

Além de se distanciar dos amigos que continuaram uma série a frente, a má fama escolar que seu irmão carregava fez com que L não tivesse a oportunidade de compor grupos para atividades escolares. Como o seu irmão não se envolvia com afinco aos estudos, e tinha a anuência da mãe, L se via sobrecarregada ao ter que cumprir o dobro de suas obrigações escolares.

Aos 13 anos de idade recebeu, da escola, uma premiação de melhor atriz. Na ocasião da entrega do prêmio, nenhum de seus familiares se fez presente e a mãe teceu comentários desdenhosos sobre sua conquista. Simultaneamente, L recebeu 2 bolsas de estudos integrais oferecidas por 2 companhias de teatro diferentes. Seus pais não permitiram que aceitasse quaisquer uma delas, atribuindo essa atividade a “coisa de vadia” ou “coisa de piranha.

Na infância, com referência a suas crenças/práticas religiosas, L, de forma não espontânea, frequentava a igreja católica com sua mãe, afinal, L, era preciso acreditar em Deus. Os pesadelos que a acometiam eram, segundo sua mãe, “coisa do demônio” na sua vida.

Por volta dos 11 anos de idade, a convite de uma congregação de padres, L e sua família passaram a morar “de favor”, na própria igreja. Apesar de não vivenciar de forma autêntica a fé professada pela família, L aproveitava o entretenimento e beleza dos casamentos, as atividades de grupos de música e de teatro da igreja e o perfil amistoso e empático dos padres, para experimentar momentos de alegria e felicidade, tendo, na figura dos padres amigos, e nos grupos de música e teatro, uma válvula de escape para suas dificuldades emocionais.

Em virtude dos preconceitos envolvidos no sistema de crenças e valores de sua mãe, L era impedida pela mãe, de continuar vários laços de amizade que havia desenvolvido. Esse controle era exercido por sua mãe de forma intencional e direcionada. Para tanto, ela providenciava mudanças de escolas, mudanças de turma e/ou mudanças de turno, além de contar com o

apoio irrestrito de seu filho, que denunciava qualquer aproximação indevida, ao que sua mãe corrigia através de surras/e espancamentos.

Apenas um grupo de 4 amigo(a)s conseguiram driblar as investidas realizadas por sua mãe para que ficassem afastados de L, a acompanhando entre a adolescência e a fase adulta. Ainda assim, em decorrência da interdição afetiva impetrada por sua mãe, L experienciou acentuado isolamento social.

Aos 9 anos de idade, o nascimento da irmã representa mais uma situação carregada de emoções negativas, pois L foi obrigada, pela mãe, a assumir o papel de maternagem da irmã mais nova, acarretando para L a impossibilidade de vivenciar experiências próprias de sua idade.

Até por volta dos 9 anos de idade seu irmão mantinha a prática de abusos sexuais que fora estimulada outrora. Essa prática só teve seu fim quando, na escola, foi tratado o tema, o que revelou o desconhecimento de ambos quanto à natureza equivocada de suas ações.

Com relação a esses abusos, praticados pelo irmão, diversas vezes culminou em espancamento e culpabilização, voltados à L, por sua mãe, quando a mesma presenciava as ocorrências.

Durante o decurso de sua adolescência L desenvolveu a prática da auto mutilação, tendo episódios constantes no período entre os 13/14 anos de idade. Aos 14 anos de idade seus pais a acusavam de ser gorda e de comer muito, desfalcando o alimento na casa.

No mesmo período, em seu processo de construção de identidade, L enfrentou muita violência física, infligida pela mãe com o intuito de “acertar” seus gostos e tendências. Houve casos de surras em público por estar jogando fliperama com amigos, espancamento por colocação de piercing falso, denunciado pelo irmão, entre outras ocasiões.

L passou a se identificar com a cultura gótica, adotando roupas, gosto musical e filosofia. Ela reflete que o que chamou sua atenção foram os aspectos do preto como luto e perda, sentimentos que faziam parte de sua vida e até de seu cotidiano, a força extraída dos sentimentos de luto e perda quando

encarados sob a óptica de potencialidades de aprendizagem e a beleza que se manifesta da dor, quando expressa sem o aspecto da lamentação.

Na adolescência L tinha o sonho de se formar em artes cênicas ou música. As críticas severas de seus pais sobre a qualidade das pessoas que estudam, se formam e vivem de arte e a expressa desaprovação de ambos a foram distanciando desse sonho.

Aos 14 anos L acumulava uma dupla jornada de afazeres escolares, já que seu irmão, percebendo a influência que exercia sobre a mãe, chantageava L, ameaçando contar para a mãe qualquer coisa que a instigasse a espancá - la, para que a mesma assumisse suas cargas escolares por ele

Ao completar 15 anos, L recusou uma festa tradicional em comemoração a data, pois essa “coisa de menininha, “coisa de princesinha” não fazia sentido para ela.

Aos 15 anos de idade L desenvolveu Bulimia. A ação rápida e incisiva de seu grupo de 4 amigos, praticantes da doutrina do Vale do Amanhecer garantiram que

Aos 15 anos de idade, um dos primos que participava sistematicamente de seus abusos, veio morar em Brasília. No intuito de desviar a atenção sobre o interesse sexual que demonstrava, em reciprocidade, por seu irmão, os dois empreendiam esforços para instigar a mãe de L a mais casos de surras/e espancamentos. Além disso L era alvo de variados impropérios, xingamentos e calúnias por parte dos dois.

Aos 15 anos de idade L teve sua terceira tentativa de suicídio, quando tomou veneno para rato e seguiu para a escola, tendo chegado a se despedir dos amigos e ido escondida com eles a uma manifestação política de reivindicação do “passe livre”. Durante a manifestação, enquanto pensava que morreria a qualquer momento L experimenta arrependimento. Ademais, participar do evento, naquelas circunstâncias, estando lá escondida (em teoria ela estaria na escola, na sua sala) a fez perceber, na mentira ou omissão, uma ferramenta útil para conquistar um pouco de autonomia. L passou a mentir

para conquistar sua liberdade e obtia ajuda de uma família de um de suas amigas para conseguir “cobertura”

A escola convocou os pais para tratar da tentativa de suicídio. Seu pai lhe pediu desculpas sobre as possíveis influências de sua parte sobre o evento. A mãe manteve sua postura de culpabilização de L e acrescentou que ela o havia feito com o intuito de chamar atenção e de atribuir a ela uma impressão negativa perante todos. Nenhum dos dois optou por levar L para realizar qualquer consulta médica para averiguar seu estado de saúde geral ou mesmo lavagem gastrointestinal para dirimir qualquer nocividade do veneno ingerido.

Com relação aos namoros, mantinha-se o mesmo padrão proibitivo, apoiado por seu irmão aplicado por sua mãe às amizades. Quando aos 14 anos de idade teve seu primeiro namoro aceito, pela mãe, L sofria com investidas de terror psicológico que sua mãe lhe conduzia, a fazendo acreditar que o mesmo a estaria traindo ou que terminaria o relacionamento, o que desencadeava mais crises de pânico e ansiedade e consequente automutilação, na busca de alívio para o pânico.

Aos 16 anos de idade, L começou um relacionamento com um homem 10 anos mais velho que ela. sendo este seu relacionamento mais duradouro, 6 anos. Os efeitos positivos de emancipação conferidos a partir da concordância pacífica dos pais com referência a esse relacionamento, podendo utilizar de roupas e maquiagens de seu próprio gosto, ter a perspectiva de montar uma banda de rock... L se apegou a suas pequenas vitórias e representava seu relacionamento como um “alívio para toda essa desgraça”. Atualmente reflete que a relação era abusiva, sendo ela para ele, uma peça/item para expor e ostentar.

Quando tinha por volta de 16 anos, L via seu pai se aprofundando no vício do álcool. Ele provocava “quebra - quebra” e desentendimentos, diariamente quando chegava em casa.

Aos 17 anos de idade, L foi proibida, pela mãe, de prestar vestibular para a UnB. Ela queria cursar psicologia ou filosofia, mas foi impedida pela mãe e não teve nenhum apoio manifestado quando conseguiu uma bolsa

parcial pelo ENEM. Sua mãe a obrigou a largar o curso de violão e a trabalhar para ajudar nas despesas.

Seu interesse por esses cursos vinham do seu entendimento de que seus pais e ela, tinha a certeza, eram extremamente adoecidos emocionalmente. L expressa um desejo de salvar os pais. Tendo chegado a recomendar inúmeras vezes para que eles fizessem acompanhamento psicoterápico... Mas a ideia nunca obtinha um retorno prático

Com a mesma idade, L passou a frequentar os trabalhos espirituais oferecidos pela religião Vale do Amanhecer, frequentando os cultos às escondidas de sua mãe. L considerava aquela comunidade, da qual seus leais amigos da escola faziam parte, como sua rede de apoio. Entre os 17 e 19 anos de idade L participou como simples frequentadora.

Aos 19 “entrou para a doutrina”. Significativos ganhos com relação a sua saúde mental, como: maior estabilidade emocional e habilidade de discernimento são percebidos por L, em sua vida, e ela atribui esses ganhos a nova estrutura social e psicológica que passou a fazer parte de sua vida, a partir do afastamento dos pais, do pertencimento a uma nova rede de apoio, configurada pela comunidade espiritual Vale do Amanhecer, da aceitação de si mesma em seu auto conceito, gostos, preferências e a viabilidade de sua livre expressão, sem as limitações e amarras implementadas pelo comportamento controlador da mãe, substituída por um comportamento de acolhimento e incentivo por parte de seu namorado e a construção livre de seus elos de amizade.

A volta de sua família para Fortaleza guardava surpresas indesejáveis. O tio de L, o abusador, começou a provocar desconfianças familiares acerca da irmã de L estar fazendo uso de drogas e ainda, que ela seria Lésbica. A mesma tinha 13 anos. O resultado foi o de constantes espancamentos, assim como ocorrido na criação de L. A irmã ligava para L em busca de acolhimento.

O primeiro emprego de L foi aos 17 anos, de venda de porta em porta. Em uma de suas abordagens para vender o seu produto, um homem se apresentou como acupunturista e se propôs a ajudá-la, sendo que para tanto,

ele precisaria “examinar sua vagina”. L foi então abusada sexualmente mais uma vez. Sentindo-se culpada por acreditar nesse homem e sofrer mais esse abuso L decide ter sua primeira relação sexual com seu namorado de 26 anos.

Aos 19 anos, em decorrência da falência financeira do pai, pelo gasto excessivo e descontrolado para manter seu vício no álcool, L e a família foram despejados pelo proprietário do imóvel que alugavam, por falta de pagamento. Foram acolhidos para morar de volta na casa de sua avó e irmão de sua mãe. Na ocasião, os mesmos disseram que L poderia levar seu cão de estimação. No dia da mudança, seus pais doaram seu cachorro, sem que a mesma pudesse sequer se despedir.

A vida com a avó e o tio era marcada por humilhações morais e financeiras,

L reflete que chegou ao início de sua vida adulta com uma maturidade precoce, adquirida pelas vivências as quais precisou passar.

Por volta dos 20 anos de idade, o tio que conduzia os abusos na sua infância, veio de fortaleza, para lhe pedir o seu perdão, obrigado por um sequestrador que ameaçou sua vida, caso não parasse de cometer seus crimes e caso não se retratasse aos que foram por ele afetados. A memória do abuso estava tão bem silenciada e esquecida que L não conseguia entender o porque ele estava se desculpando. Ela decidiu, nesse momento, aceitar as desculpas e preferiu não investigar muito sobre aquilo que não estava entendendo ou lembrando.

Nesse momento L se concentrava em seu relacionamento afetivo que afinal, era o mais próximo possível da possibilidade de se expressar; em seus gostos, preferências e aspirações; e em trabalhar para adquirir sua liberdade financeira.

Sem ter conhecimentos sobre direitos trabalhistas, L aceitava as condições de seu trabalho que implicava trabalhar de domingo a domingo. Apesar da exploração criminosa que sofria nesse emprego, L não achava ruim, afinal, estar no emprego significava uma desculpa plausível para não estar em casa. O ambiente mais aversivo passível de sua concepção, considerando seu

histórico de vida e ainda a intensificação e constância das brigas entre seus pais. O ambiente da casa de seus avós também lhe era muito desagradável visto a desaprovação geral dos aspectos de sua personalidade.

Com seus rendimentos, após deixar seu primeiro emprego, aos 19 anos de idade, L investiu em uma graduação de menor tempo de duração que tinha promessas de bom rendimento, gestão de RH.

Aos 21 anos de idade, L sai de casa após sucessivas brigas com seus pais. L sentia-se explorada e injustiçada pela mãe, pois no manejo de seu vale alimentação, feito por sua mãe, a mesma direcionava uma preferência de tratamento para a irmã de L (o irmão que sempre recebera tratamento preferencial pela mãe, mudou-se de volta para fortaleza, em busca de emprego, em sua ausência, a irmã de L passou a assumir esse papel). L refere que a relação com toda a sua família era imbuída de uma animosidade, desaprovação, sendo ela sempre preterida em relação aos demais.

A relação com a mãe piora quando esta descobre que L faz parte da doutrina do Vale do amanhecer, sua filiação passa a ser mais um aspecto de confronto direto com sua mãe. L reflete sobre a indisposição da mãe não ser diretamente ligada a religião escolhida na percepção de L há uma indisposição da mãe para todas as suas escolhas, em especial, aquelas que demonstravam maiores efeitos positivos sobre seu ânimo, disposição e saúde mental.

Pouco tempo depois de sair de casa, os pais decidem voltar à terra natal, juntamente com sua irmã mais nova.

Passa a morar com o namorado, (que também fazia parte da doutrina e residia na comunidade), na casa da sogra. Em um movimento de consonância familiar, os membros da família de seu namorado sempre articulavam um convite para que L passasse a residir lá, a fim de oficializar a união com seu namorado e passar a fazer parte da família. A política da boa vizinhança não persistiu para se tornar uma realidade e L passou a enfrentar atritos com eles também

Depois de alcançada certa autonomia, dos 20 aos 24 anos L demonstrou maior desenvoltura e traquejo social, participando de um grupo

como ativista cultural, organizando shows, exposições e eventos culturais. L refere grande satisfação em dedicar seus finais de semana realizando esse tipo de serviço.

Em conjunto, as demandas da faculdade, estágio, as atividades como ativista cultural, um curso de inglês e suas atividades junto a comunidade espiritual Vale do Amanhecer e os telefonemas noturnos da irmã de L, que buscava acolhimento para a violência que sofria constantemente, tomavam todo o tempo de L. Toda essa agitação lhe custou o desenvolvimento de hipertensão e a piora em suas alergias.

Ao final da faculdade, L estava pior da hipertensão. Conseguiu um emprego de telemarketing. Lia Teses de Doutorado e Mestrado, para alimentar seu sonho de fazer um mestrado em comportamento humano, pela UnB.

Começou a lutar muay thai e começou a retirar gradativamente o uso do sal em sua alimentação. A mudança em seu estilo de vida, a partir da aquisição de hábitos alimentares e físicos saudáveis a levou inicialmente a adotar o vegetarianismo como filosofia de vida e mais a frente, em 2014 realizou a transição definitiva para o veganismo.

Outras formas de ativismo político as quais fez adesão figuram importantes até hoje para L, como o anarquismo e causa indígena.

Aos 22 anos de idade, L terminou o seu relacionamento afetivo por ter descoberto uma traição conjugal de seu companheiro. Passou a morar sozinha, ainda residente no Vale do Amanhecer, e ainda realizando os trabalhos espirituais como membro da doutrina. Chegou a apreciar essa nova realidade, pela maior liberdade pessoal.

Sua vida financeira não se apresentava tranquila, mudando de emprego várias vezes e algumas vezes terminando o mês com algumas dívidas.

A mudança de realidade somou-se a mais um relacionamento abusivo, no qual seu companheiro literalmente a perseguia ou gritava com ela em pleno ambientes públicos, além disso ele bebia muito, não contribuia com as despesas da casa, em geral pelo gasto excessivo com bebida, a fez passar

por algumas crises depressivas. As brigas constantes ativavam diversos gatilhos de traumas. Após mais esse relacionamento abusivo, L decidiu dar uma pausa em seu interesse por relacionamentos afetivos.

Como efeito desses vieses (traição conjugal, empregos iguais ou piores, sem apoio ou auxílio familiar, diminuição acentuada da rede de apoio - com a quebra do relacionamento o círculo de amizades do casal tomou partido do homem) em sua vida, L começou a questionar a veracidade da doutrina que professava, pois considerando sua base como o karma e os atendimentos espirituais prestados como um caminho para dirimir ou diminuir o peso relativo ao que se carrega justamente das vidas passadas, tendo como efeitos, em teoria, melhorias palpáveis e com amplitude geral na vida.

Com sua vida tomando o caminho inverso ao das melhorias e o número e intensidade de trabalhos espirituais que realizava, não fazia sentido a ocorrência de pioras sucessivas em vários aspectos de sua vida. Instaura-se em L uma dúvida estrutural que corrói, aos poucos, "a blindagem psicológica/psíquica" construída em volta das suas vivências no contexto social e religioso do Vale do Amanhecer.

Sua crença sobre a auto superação a partir da adesão à doutrina religiosa do Vale do Amanhecer cedeu espaço para reflexões mais abrangentes sobre as raízes de seus próprios traumas e dificuldades, pela doutrina considerados karmas de vidas passadas, com manejo viável a partir dos atendimentos espirituais realizados na comunidade espiritual, agora passam a ser encarados como problemas relacionados à pobreza, falta de amparo familiar, falta de cuidado, falta de lar. Longe do mascaramento atrelado a atribuição espiritual dos problemas da vida a percepção de tais fatores como estruturais, sociais e alguns não passíveis de manejo

Essa desconstrução de crenças importantes, balizadoras do seu estilo de vida atual e de seu período de maior estabilidade emocional faz L pensar em recorrer a alguma droga para suportar continuar vivendo. Estava flirtando com a possibilidade de utilizar a maconha como analgesia para suportar a vida.

L buscou em documentários, como “cortina de fumaça”, teses de mestrado e doutorado, argumentos que tornassem válida, para si mesma, sua transgressão - A doutrina do Vale do amanhecer é completamente contra o uso de alteradores de consciência para a realização de contatos ou trabalhos espirituais.

L se sentia solitária acerca de suas percepções negativas sobre a humanidade. Se antes se sentia pertencente ao grupo dos espiritualistas, ao projetar sentidos a espirituais a todo tipo de situação, naquele momento, não conseguia elaborar qualquer tipo de sentimento positivo sobre a vida, sentindo, inclusive como uma afronta pessoal a possibilidade de alguém realmente ser capaz de elaborar sentimentos positivos sobre a vida.

Passou a encontrar paradoxos entre a doutrina, e às práticas e discursos de seus líderes, fazendo com que o próprio ambiente social que outrora fora positivo passasse a figurar como um ambiente hostil e ostensivo de uma necessidade de projetar significados espirituais, a tudo, inclusive aumento de criminalidade...

A generalização espiritualista carrega em si a capacidade de descaracterizar problemas sociais e diminuir a relevância de aspectos que precisam da mobilização social, em geral fruto de revolta ou indignação, conscientes, para operar alguma mudança factível no estilo de vida ou adoção de valores dos indivíduos.

Essa característica pontual da doutrina, ao ir de encontro a seus posicionamentos como ativista de diversas causas passou a provocar em L uma indignação, uma revolta direcionada a doutrina, em caráter principal por deslegitimar as lutas político sociais das quais faz/ toma parte ativa. e confere sentido de “vontade de viver para fazer a diferença” e vontade de viver para impedir que outros também sofram(como L sofreu): por desamparo, desestrutura familiar, desestrutura social, pobreza, ideologias de gênero, segregação de gênero, LGBTs fobia, maus tratos/abandono de animais...

Aos 24 anos, L conhece um amigo de uma amiga sua, em um chá de bebê. Por motivo não elencado, decidiu seguir suas postagens nas redes sociais. Ao se deparar com postagens de cunho “gratiluz” L teceu comentários provocativos ao seu autor, onde no fundo, dizia: “como você pode agradecer pela vida, se está tudo uma merda?”. L pediu a ele, de forma mais educada, após sua explosão de raiva, explicações sobre como ele conseguia nutrir esses sentimentos de gratidão, quando ela só conseguia perceber que TUDO estava errado.

Seu novo amigo D explicou para L o que era a ayahuasca, como funcionava, falou que a vida dele tinha mudado e sobre ter percebido um desempenho melhor na faculdade. L se convenceu de que ter uma experiência poderia ser positivo para ela.. Ela confirmou para D que iria se preparar para ter a experiência.

L seguiu as recomendações preparatórias e seguiu caminho para seu primeiro uso ritual de ayahuasca. Com um pouco de medo, mas aberta ao que pudesse surgir dessa experiência. Aberta inclusive a uma expansão espiritual.

Apesar de a crença na doutrina específica do Vale do Amanhecer estar bastante abalada, L ainda acreditava na dimensão espiritual. Por seu histórico na instituição, L sentia -se surpresa com sua escolha consciente de quebrar as regras da doutrina.

Alguns fatores contribuiram para que L alcançasse uma maior tranquilidade com relação a essa autocobrança: D era da doutrina, a casa espiritual que estava realizando o trabalho com a ayahuasca também era de pessoas que eram da doutrina ...

Após essa negociação consigo mesmo. L se sentiu Nesse caso, a prática do uso ritual da ayahuasca se configurava como uma prática dissidente ao núcleo tradicional da religião.

Sua intenção (L), nessa primeira experiência tinha realação não apenas com o restabelecimento de sua saúde mental, mas também, L tinha a expectativa de que a ayahuasca pudesse curar suas alergias alimentares. L

estava muito triste, pois descobriu em exames recentes, alergias alimentares de toda ordem.

Em seus processos com a ayahuasca, L passou por revisões de seus processos traumáticos. Um efeito comum do uso da ayahuasca. À medida que acessava essas memórias, L também vivenciava novamente os sentimentos e emoções que foram produzidos por ela com relação a estas memórias, no passado.

A aceleração do pensamento também é um efeito comum. Enquanto vivenciava a visitação à seus traumas, L produzia, pelos pensamentos acelerados, análises reflexivas.

Sobre as memórias; sobre ela mesma; sobre a magnitude dos sentimentos e suas funções em sua vida; sobre possibilidades diferentes de entendimento, sem destituir a legitimidade do sentimento produzido no passado; sobre a necessidade de perdão; sobre a sua capacidade de perdoar (a seus agressores e a si mesma); sobre a necessidade de acolhimento e legitimação de si mesma em suas dores; sobre o seu lugar no mundo; sobre o seu sentido de vida; sobre a morte; sobre a vontade de morrer; sobre renascimento; sobre a vontade de viver; sobre sua saúde mental e física; sobre empoderamento pessoal; sobre suas crenças; sobre seus valores; sobre suas relações familiares; sobre suas relações amorosas; sobre suas amizades; sobre sua sexualidade; sobre o que é amor; sobre amor próprio; sobre se sentir grato pela vida; sobre dignidade; sobre seu merecimento de viver em plenitude; sobre seus processos de auto sabotagem, sobre as vitórias de sua vida; sobre seu poder de escolha; sobre seus apegos, sobre suas culpas; sobre seus medos; sobre seus bloqueios, sobre justiça, sobre injustiça, sobre empatia; sobre estruturas sociais; sobre a influência dessas estruturas sobre si, sobre cultura; sobre meritocracia; sobre autogestão, sobre preconceitos; sobre julgamentos; sobre liberdade; sobre rede de apoio; sobre a terra; sobre a natureza; sobre pobreza; sobre coletividade; sobre cooperação mútua; sobre arte, sobre beleza, sobre poder criativo; sobre indulgência; sobre autenticidade; sobre esperança; sobre projetos de vida; sobre realidade; sobre ilusão; sobre arquétipos; sobre energia vital; sobre estar presente; sobre foco; sobre seus

defeitos; sobre superação; sobre misticismo; sobre magia; sobre dualidade; sobre temporalidade; sobre ciência; sobre idealismo; sobre expectativas; sobre frustração; sobre carinho; sobre cuidado; sobre afeto; sobre auto permissão; sobre “aqui e agora”; sobre dimensões internas; sobre resgate pessoal; sobre autocritica; sobre flexibilidade; sobre rigidez; sobre dogmas; sobre tensão; sobre alívio; sobre manejo emocional; sobre cobrança; sobre ajustamento/adequação social; sobre iluminação; sobre Deus; sobre ativismo; sobre carência afetiva, sobre desamparo; sobre controle; sobre caos; sobre imprevisibilidade; sobre aceitação; sobre coragem; sobre criança interior; sobre auto piedade; sobre adaptção; sobre sabedoria; sobre humildade; sobre ego; sobre personalidade; sobre pertencimento; sobre individualidade; sobre maturidade; sobre determinismo; sobre motivação; sobre paradoxos existenciais; sobre proteção mística; sobre imaginação; sobre racionalidade; sobre coerência afetiva; sobre integração cósmica; sobre vibração; sobre fluxo; sobre sinestesia; sobre libertação; sobre identidade; sobre gênero; sobre doença; sobre cura; sobre caráter; sobre significação; sobre fuga; sobre enfrentamento; sobre punição; sobre castigo; sobre aprendizagem; sobre instintos; sobre impermanência; sobre felicidade; sobre equilíbrio; sobre equidade; sobre consumo; sobre fraternidade; sobre sacralidade; sobre intencionalidade; sobre acaso; sobre engano; sobre papéis sociais, sobre positividade tóxica; sobre negatividade tóxica, sobre abuso de poder, sobre violência; sobre pacificação; sobre angústia; sobre humilhação; sobre vitimismo; sobre doação; sobre unidade; sobre simplicidade; sobre ciclos; sobre mudança; sobre transmutação; sobre restauração; sobre dissolução; sobre disposição; sobre movimento; sobre silêncio; sobre graça; sobre engajamento, entre outras incontáveis, insondáveis ou imemoráveis aqui não listadas. Ora, um turbilhão de processos concomitantes e imprevisíveis quanto a sua ordenação de ocorrência.

Essas análises reflexivas produziam, em L, novas percepções. Aspectos que antes não tinham sido percebidos no momento da experiência passada, ou, a experimentação subjetiva de sentimentos que ofereçam divergência à coerência afetiva e conformidade emocional das elaborações antigas, agora começam a se integrar nessas memórias, tensionando a conformidade dos

sentidos anteriores e amplificando os caminhos de produção de novos sentidos.

A essa teia simbólico emocional incisiva, efusiva, incontrolável, caótica e imprevisível, de caráter intersubjetivo dialógico e de aspectos expectante e espelhado, na linguagem do contexto social do uso ritualístico da ayahuasca denomina-se “peia”.

Outrossim, a “peia”, como unidade integrativa da experiência psicodélica com ayahuasca, revela a dinâmica dos processos de tensionamento das configurações subjetivas, outrora dispostas como parte estrutural da organização subjetiva de processos de adoecimento psíquico; com implicações relevantes sobre a expressão e manutenção de sua sintomatologia; pelo peso simbólico emocional que carregam, cristalizando o sujeito no sofrimento; e tendo por dinâmica operativa, o aspecto da maleabilidade de configurações subjetivas; respeitadas as características especiais necessárias à viabilização de sua ocorrência; levam ao direcionamento da reordenação dos núcleos de sentidos e o aparecimento de novas configurações subjetivas que venham a suplantar as anteriores, em antítese, com implicações relevantes sobre o desenvolvimento, expressão e manutenção de processos subjetivos de saúde que possam direcionar o restabelecimento do equilíbrio emocional e da saúde mental e física.

Esta dinâmica, de reordenamento na produção de sentidos subjetivos e de configurações subjetivas, obedece ao caráter contínuo, implicado nesses dois processos, se dá perante o aspecto dialógico do espelhamento subjetivo, processo psicológico característico oriundo do uso ritual de ayahuasca, que consiste da revisão estrutural da própria subjetividade, de forma global, mas com observação acentuadamente mais incisiva sobre estruturas simbólico emocionais atreladas a cargas emocionais (indicadores de sentido subjetivo) negativas, presentes na organização e manutenção de processos de adoecimento psíquico.

O cenário onírico simbólico emocional dialógico auto interativo constituído no processo de espelhamento subjetivo, possibilita a reordenação de zonas/núcleos de sentido, delineados(as) pela produção de novos sentidos

subjetivos e novas configurações subjetivas, marcadas por conteúdos simbólico emocionais (indicadores de sentido subjetivo) atrelados a cargas emocionais positivas - que orientam ao equilíbrio emocional - levando a potencial mobilização de processos subjetivos de saúde; sobre experiências já subjetivadas no passado, que possuam demarcação de conteúdos simbólico emocionais (indicadores de sentido subjetivo) atrelados a cargas emocionais negativas - que orientavam significados de sofrimento - desarticulando a coerência afetiva dessas produções.

Essas estruturas - sentidos subjetivos, núcleos de sentido e configurações subjetivas - interagentes e interatuantes da dinâmica configuracional do desenvolvimento e expressão da subjetividade, e do caráter contínuo, singular, processual e de plurideterminação da produção de sentidos; pela tensão de conformidade entre configurações subjetivas antigas e novos sentidos e núcleos de sentido subjetivos, formam a estrutura do modelo teórico para o entendimento do impacto do uso ritual de ayahuasca sobre os processos de reordenamento da subjetivação de experiências traumáticas, englobados os princípios da maleabilidade das configurações subjetivas - Postura Dialética Reflexiva + Dinâmica Dialógica + Ambiente Social/relacional de acolhimento, Validação e Incentivo a Livre Expressão da Subjetividade, pela subjetivação da “peia”, unidade integrativa da experiência psicodélica com a ayahuasca.

Concomitante a esse processo da “peia”, se dá o aparecimento de sintomas físicos: náuseas, vômito, diarréia, choro, risos, agitação e calor ou frio excessivos. A sinestesia e a hiperestesia sensitiva, características pontuais de experiências psicodélicas, assomam-se à concomitância dos fenômenos anteriores e induzem à simbolização causal que comumente relaciona os sentimentos/pensamentos/memórias/emoções/análises reflexivas/insights/epifanias/ deflagrados na “peia”, com os sintomas fisiológicos e à sensação, sensorialmente demarcada, de: expurgo; alívio; desprendimento; desapego; libertação; transmutação; liberação ou limpeza.

Sem estar desvinculado dessa concomitância de fenômenos, a “miração”, processo de transliteração de sentimentos, emoções e sentidos em imagens de fractais, formas geométricas, mandalas, espirais e portais

dimensionais, em fluxo contínuo de intervalos entre dissolução/reconstituição de si mesmos e/ou em imagens oníricas que configuram o delineamento de ambientes: campos, mares, oceanos, céu/inferno, mata/floresta, campinas e/ou interações com parentes ou conhecidos, ou ainda, com toda sorte de ícones religiosos, simbólico emocionalmente demarcados, presentes no imaginário coletivo, ou nas crenças individuais da pessoa: animais, animais fantásticos, anjos, demônios, entidades, orixás, divindades, guias espirituais, santos, duendes, fadas, gnomos, dragões, elementais, elementos da natureza, duplo etéricos (visualização da própria imagem em forma vultuosa), bem como experiências de desdobramento ou vidas passadas. É, portanto, sob esse cenário onírico simbólico emocional dialógico auto interativo que se desenvolvem os processos de “peia”

Como resultado, L, obteve melhoras significativas em sua estabilidade/manejo emocional e seu autoconhecimento, com impactos sobre sua identidade de gênero; suas relações familiares; suas relações amorosas; sua rede de apoio; sua autoaceitação; sua autoestima; seus conceitos, crenças e valores; sua retração afetiva, sua empatia, sua rigidez crítica, seu ativismo político, sua noção de espiritualidade, seu estilo de vida, seu sentido de vida e sobre o menor dimensionamento do sofrimento psíquico.

No relato sobre seu primeiro ritual de ayahuasca, L detalha os processos vivenciados, onde podemos observar com clareza a concomitância da ocorrência dos fenômenos oriundos dos efeitos psicodélicos do chá e a integração dos mesmos na unidade integrativa da experiência psicodélica proporcionada, denominada “peia”, no contexto social do uso ritual da ayahuasca. Vejamos trechos onde se pode indentificar a dinâmica da reordenação de sentidos subjetivos e configurações subjetivas e seu impacto como potencial mobilizador de processos subjetivos de saúde:

“Eu fui para o meu primeiro ritual com **um pouco de medo**, mas com **o coração aberto** para o que poderia surgir na experiência. A primeira coisa que apareceu pra mim lá foi um macaco. A primeira coisa que eu vi foi **um ser humano se tornando em um macaco**, depois ele parecia **o meu avô M, meu avô materno**.... Então esse macaco **virou meu avô** e de repente **me puxou**

pra uma mata, onde tinha um monte de bichinhos, entrando na agua e virando outros animais.”

Se considerarmos o fenômeno psicodélico da “miração” e sua característica peculiar de transliteração de sentimentos, emoções e sentidos elaborados em imagens oníricas que delineiam a tela mental, onde serão representados e integrados todos os elementos dos processos que se decorrerão, é possível ler a mensagem simbólico emocional, ou seja, construir indicadores subjetivos que foram transliterados para compor a cena psicodélica.

Ora, L relata que sentia **medo**, quando seguiu para realizar seu primeiro ritual, **porém ela estava disponível** para experienciar o processo, independente das dificuldades que se apresentassem, pois tinha o foco na sua intenção de poder processar as angústias acumuladas no decorrer de sua história de vida. Podemos construir um indicador de **resolução de dissonância sentimental**.

Ciente de que o **medo poderia prejudicar** o seu processo, mas sem conseguir **manejo consciente** que fosse eficaz para **eliminá-lo**, afinal era uma **experiência completamente nova**, a **linguagem onírica** se apropriou de sua **necessidade de manter-se firme em seu propósito**, e transliterou a **imagem de seu avô materno M**, (ela se referiu a ele com carinho) - o único membro do gênero masculino da família que não recebe indicadores atrelados a cargas sentimentais negativas - como portador de uma **mensagem tranquilizadora e de incentivo** que L mandou para ela mesma.

Uma mensagem imbuída de **acolhimento** - imagem do avô materno -, **convite ao mergulho interno** - Meu avô/macaco, me levou para uma mata -Um caminho que ele, avô /macaco domina - A **Imagen do Avô/macaco representa a ideia** Conhecimento ancestral, proteção, altivez, austeridade, foco., isto é, “pode confiar, “eu (sua própria ancestralidade)” estou aqui, para garantir que você está segura e por mais que o caminho pareça nebuloso, denso e turvo, como a mata, a clareza e o conhecimento virão como resultado” . Aqui é possível perceber as expectativas de L, sobre o seu primeiro trabalho com a ayahuasca representadas pela ideia da **guiança** e

proteção ancestral como **recurso de segurança** sentido como necessário a partir do espelhamento subjetivo dialógico que está ocorrendo para que ela **não usurpe de si mesma** essa oportunidade que está acontecendo, se deixar, por exemplo, o medo lhe dominar.

A mata aparece como uma transliteração da **noção de densidade**, da **expectativa do inesperado** presentes em L a partir de sua fala - “Com medo, mas de coração aberto para vivenciar” **incentivo e segurança**.

Seu caminho de subjetivação, observado na integralidade da vivência da cena onírica e nos processos subjetivos que evidenciem relevância, ainda não apresentou uma tendência, esperada pelas emoções negativas atreladas a suas principais configurações subjetivas, a atrelar sentidos subjetivos imbuídos de carga emocional negativa, afora o momento inicial do medo como conflito de interesses, resolvido com eficiencia, inclusive, rapidamente. Isso pode apontar para a construção de um indicador de **engajamento** por parte de L.

“Animaizinhos que pulavam na água e se transformavam” - essa imagem traz uma **representação de mundos fantásticos** -a imagem icônica dos “animaizinhos”, forma de falar infantil - chama a atenção, pois L, em seu processo de espelhamento subjetivo, que confere o roteiro das interações dialógicas da cena que se desenrola, pela segunda vez traz a tona a configuração subjetiva da **criança (L) desamparada** em sua afetividade e em sua necessidade de segurança.

O resgate da criança(L), que nunca se sentiu amparada em suas necessidades afetivas, agora, na experiência psicodélica, pela representação imagética de seus principais sentimentos e emoções pode se sentir amparada, acolhida, protegida pelo seu avô materno. O sentimento,(acolhimento e proteção do avô materno mesmo que vivenciado sob aspectos de tradução onírica, é sentido como real. Esse movimento pode estar representando um avanço que pode desvincular esse sentimento de desamparo, como uma constante latente em sua vida, deixando de influenciar outras futuras produções de sentido

A **criança(L)** que ainda sofre com o sentimento de desamparo,(**importante configuração subjetiva de L**) é traduzida para a cena pela **presença da imagem de “animaizinhos”**(uma representação pueril e que cumpre o papel de **descaracterizar a coerência afetiva do medo** (que quer se apresentar como configuração subjetiva adequada para subjetivar as sensações novas que começaram a acontecer pelo início dos efeitos ativados pelo uso do chá.) deixando livre o caminho para L conferir força ao sentido subjetivo de confiança, que deverá acompanhá - la até o fim do trabalho.

Tem-se ainda uma **demonstração real de que não há perigo** - se jogam na água (sem medo) - ... E... Não morrem... - **auto convencimento sobre a segurança do processo.** Novamente L se mostra confiante nos resultados que virão do processo..

O elemento da **água** como **veículo transformador** translitera a noção de L, pelo conhecimento que lhe foi passado por seu amigo D, - **subjetividade social** (*representações compartilhadas na coletividade*), de que o trabalho com a ayahuasca é um trabalho de pensamentos, sentimentos e emoções - Água

É preciso coragem para adentrar o mundo interior - mergulho na água - Enxergar os animaizinhos pulando na água e resurgindo transformados parece ser um estratégia onírica para L representar que fica mais confortável ao observar de longe a ocorrência ou não do perigo, para então se posicionar.

Esse mergulho interior guarda segredos de transmutação e mudanças - se transformavam em outros bichos... L não relatou saber em quais bichos os animaizinhos se transformavam após o mergulho, mas também não demonstrou nenhum incômodo quanto a isso. Parece que L integrou o sentido do desconhecido como parte instigadora da experiência, o que aponta para um indicador subjetivo de **aceitação** das características singulares ou desconfortáveis do processo

A transformação ocorria a partir do contato - mergulho, aprofundamento - e reconhecimento - imagem própria (animalzinho) que se reflete na água - de todos os aspectos de sua subjetividade - mergulho,

profundidade.. Posto que a cena tem um fim, o mergulho dos animaizinhos e o retorno transformado dos mesmos, é possível construir um indicador de que em seu espelhamento subjetivo dialógico interativo L tenha se representado como o animalzinho, o que induz o entendimento que concomitante ao fim da cena L tenha se implicado em assumir o desafio de, como o animalzinho, imbuído de segurança proceder o mergulho até suas próprias profundezas.

No trecho a seguir L conta que em dado momento começou a tocar uma música, que ela, por acaso vinha ouvindo antes de dormir, durante os 6 meses anteriores. Vamos acompanhar o processo que essa música causou em L:

“Quando começou a tocar essa música eu me emocionei muito, eu vi **um monte de animalzinho do meu lado, me agradecendo por eu estar ali e que foram eles que me levaram pra lá**. Foi **muito forte** (essa expressão implica o entendimento que essa vivência está repleta de conteúdos simbólico emocionais) porque eu **vi um monte de animais a minha volta: boi, porco, galinha, leão, girafa, crianças indígenas , os “curumins”...**(Cada elemento da cena onírica, ou o conjunto deles, como vimos na análise que realizamos mais acima, podem representar a transliteração dos conteúdos mais necessários de resolução, como vimos com relação a estruturação da primeira cena) **Eles viravam pra mim e me diziam “ foi a gente que te trouxe aqui, (notadamente os curumins estão interpretando o mesmo papel simbólico emocional da representação do avô materno - portadores de uma mensagem que, caso decodificada, pode significar a resolução de sentimentos conflitantes ou carregados de cargas emocionais negativas.).Como se fosse um gesto de gratidão por eu ter confiado e ter ido pra lá, e que eles já estavam a muito tempo querendo me levar pra lá, porque finalmente eles iam poder me ajudar, porque eu tinha uma missão muito forte com o planeta terra e com as crianças indígenas e com os animais Foi nessa hora que eu vi assim, que tipo, eu não estava sozinha.** (em espelhamento subjetivo interativo L identificou que **essa** interpretação carregaria a exata dosagem de racionalização que permitiria a acomodação da solução encontrada para a vivência dos sentimentos de **cuidado, atenção, carinho e amor**, que no decorrer de seu desenvolvimento, L não recebeu em grau subjetivo, próprio,

satisfatório). **Os curumins**, crianças indígenas, representam a imagem onírica mais apropriada, para carregar uma mensagem de fortificação de autoestima, e reestruturação de sentido de vida, **a ser entregue à criança(L)**, pois conferem à L adulta, a oportunidade de render-lhes **cuidado, atenção, carinho e amor**. Ao direcionar aos curumins esses afetos, **a adulta (L)** os estará direcionando à si mesma **criança (L)**, resgatando-se a si mesma da carência afetivo emocional representada no sentimento de **desamparo** configuração subjetiva com pontual influência sobre seus processos de adoecimento.

É interessante notar que o costume que L tinha em ouvir essa música antes de dormir, nos 6 meses anteriores. Provavelmente isso fez com que se criassem imagens, principalmente sem que isso tenha sido percebido, no momento do sono. Essas imagens, em conjunto com outras representações pessoais, como hipótese, tomam parte para estruturar a cena ónirica que se transliterou sob o efeito da ayahuasca

Além disso, após 6 meses ouvindo a voz dos curumins, que cantam a música, “oreru, yamandu tupã oreru”, que se apresenta em formato de coro, e significava uma louvação de agradecimento pela vida, ao Deus Tupã, como presente em sua interpretação da interação que eles direcionaram para ela, “**Como se fosse um gesto de gratidão**”. o que representa inclusive a gratidão a si própria da **criança(L) para a adulta (L)**, “e (disseram) **que eles já estavam a muito tempo querendo me levar pra lá, porque finalmente eles iam poder me ajudar**, sem contar a própria gratidão que L, adulta, pode e deve dirigir a si mesma, pelo gesto de ajuda e entrega a si mesma, ao buscar ajuda, pelo uso ritual do chá, e ao se implicar emocionalmente na resolução de suas pr’rias demandas interiores.

O período noturno, de recolhimento e acomodação, ainda, considerando a solidão e desamparo que L refere como energias emocionais basilares de seu processo de formação identitária, pode abrir espaço em seu campo afetivo para elaborar uma relação de afeto, simbolicamente vivenciada, com a imagem que ela tem representada dos curumins. Essa relação de afeto, de ordem compensatória e de resgate à sua criança interior, com essas representações.

Direcionar-lhes afeto é também receber afeto, mesmo que em um nível simbólico, que já discutimos anteriormente, sob o efeito de forte emocionalidade, constância, sob o efeito de hipnose ou sob o efeito de alteradores de consciência, procedem a satisfação de conflitos simbólico emocionais, e a produção de novos sentidos subjetivos que se integrarão como reais, como nova informação emocional, às memórias das vivências que identificaram o conflito, ou carência ou falta emocional.

Isso tudo, somados aos efeitos causados sob o uso do chá: o espelhamento subjetivo dialógico, a hiperestesia, a sinestesia, a aceleração do pensamento unidos a dialética auto interativa potencial impressa nestes fenômenos, em suas apresentações singulares ou concomitantes de ativação e atuação para gerar reflexões críticas ou a emergência de conteúdos simbólicos que a linguagem onírica possa representar imageticamente na busca de possibilitar a resolução da falta, ou carência destes conteúdos identificados e transliterados, pela vivência simbólica e interna de afetos emergentes, que possam tensionar sentidos estabelecidos ou mobilizem a acomodação e a construção de novos sentidos subjetivos compõem os elementos de estruturação simbólica de L e a vivência subjetiva dos efeitos da ayahuasca.

Não podemos deixar de assinalar que todas essas mobilizações que estão sendo relatadas nesta sessão, tratam da primeira experiência de L com o chá, o que implica que a demanda de processamento simbólico emocional recebe um hiperestimulação, durante as 4h de efeito das substâncias presentes na ayahuasca.

“E foi muito lindo porque logo depois começou a tocar uma outra música “sarasvati” do boris puruchutama, e essa musica é muito muito, muito linda!” (a alta emocionalidade é o ambiente propício para a subjetivação, nesse caso, se percebe, está atrelando indicadores de sentido de: entusiasmo, euforia, beleza felicidade. “E eu comecei a ver que eu não estava sozinha, e que aquelas pessoas eram pontos de luz, na consciência e que eu finalmente encontrei o meu lugar! Foi a primeira vez que eu me senti amada, que eu me senti em casa, que eu me senti, dentro de mim, e feliz de ser eu mesma!” (esses indicadores serviram de dados simbólico emocionais

para produzir esta subjetivação.) De forma peculiar, ela integra a resolução de conflitos, carências e/ou faltas identificadas por L, em processo de espelhamento subjetivo dialógico - sentimentos de solidão e desamparo, como base de configurações subjetivas estruturantes da cristalização dos caminhos de subjetivação que impediam o fluxo de produções de sentidos de amor, carinho, cuidado, atenção, identificação autoestima e pertencimento, por falta de dados simbólico emocionais que lhes conferissem coerência afetiva e conformidade - para a produção de novos sentidos simbólico emocionais necessários para a resolução desta emergência de carências afetivas, identificadas na **criança (L)**, estruturou-se a cena onírica, com base nos elementos simbólicos emocionais que pudessem representar o maior potencial de vinculação emocional de L, propiciando a plausibilidade do cenário e atores da cena onírica para alcançar o máximo engajamento subjetivo de L no processo, para que se possa desenrolar as interações subjetivas propícias e que levem a produções de sentido condizentes à resolução das auto demandas identificadas.

Dessa forma, o objetivo de satisfação emocional e resgate interior da **criança (L)** é alcançado, tendo por comprovação, a expressão oral da produção de sentido conferida à vivência interativa da cena onírica representada. Dá-se portanto viabilidade a potencial manifestação de processos subjetivos de saúde, dada a dissolução da influência da configuração subjetiva de desamparo que antes estabelecia um bloqueio nos caminhos de subjetivação e impedia a conformidade para novas produções de sentidos subjetivos.

Considerações Finais

A partir das dinâmicas conversacionais foi possível constituir uma caracterização de L, a partir de sua história de vida. Acompanhando o relato até sua primeira experiência com a ayahuasca.

Da mesma forma, prosseguiu-se a análise dos relatos de L sobre as sua experiência com a ayahuasca, buscando observar a ocorrência de indicadores de sentidos subjetivos divergentes, daqueles já identificados em sua história de vida, oriundos dos processos subjetivos suscitados pelo efeito psicológico da ayahuasca, inter relacionados na singularidade da subjetividade de L, que possam representar uma influência para o desenrolar de novos caminhos de subjetivação de experiências já anteriormente subjetivadas, pela maleabilidade para a desarticulação ou reestruturação das redes de sentidos que outrora orientava seu modo de sentir, pensar e agir no mundo e para a articulação da potencial mobilização de processos subjetivos de saúde em L.

Elaborou-se assim um modelo teórico sobre a dinâmica subjetiva processual do impacto do uso ritual da ayahuasca sobre os processos de subjetivação: o potencial redimensionamento de sentidos subjetivos carregados de valores simbólico emocionais negativos, estruturalmente

subjacentes de processos de adoecimento, capaz de promover a mobilização de processos subjetivos de saúde.

Referências

Assis, C. L. D., Faria, D. F., & Lins, L. F. T. (2014). Bem-estar subjetivo e qualidade de vida em adeptos de ayahuasca. *Psicologia & Sociedade*, 26, 224-234.

Barbosa, P. C. R. (2008). Follow-up em saúde mental de pessoas que experimentam pela primeira vez a ayahuasca em contexto religioso.

Fábregas, J. M., González, D., Fondevila, S., Cutchet, M., Fernández, X., Barbosa, P. C. R., ... & Bouso, J. C. (2010). Assessment of addiction severity among ritual users of ayahuasca. *Drug and alcohol dependence*, 111(3), 257-261.

de Souza, E. C., & Torres, J. F. P. (2019). A teoria da subjetividade e seus conceitos centrais. *Obutchénie: Revista de Didática e Psicologia Pedagógica*, 34-57.

Fontes, F. P. X. D. (2017). Os efeitos antidepressivos da ayahuasca, suas bases neurais e relação com a experiência psicodélica.

González Rey, F. L. (2005). Pesquisa qualitativa e subjetividade: os processos de construção da informação. Editora Pioneira Thomson Learning.

Labate B. C (2000). A reinvenção do uso de ayahuasca nos centros urbanos. Dissertação de Mestrado. UniCamp. Campinas. SP. Brasil. Disponível em: <http://repositorio.unicamp.br/jspui/handle/REPOSIP/279073>

Loizaga-Velder, A., & Verres, R. (2014). Therapeutic effects of ritual ayahuasca use in the treatment of substance dependence—qualitative results. *Journal of psychoactive drugs*, 46(1), 63-72.

Maté, G. (2014). Postscript—Psychedelics in unlocking the unconscious: From cancer to addiction. In *The therapeutic use of ayahuasca* (pp. 217-224). Springer, Berlin, Heidelberg.

Mori, V. D. (2019). A psicoterapia na perspectiva da Teoria da Subjetividade: a prática e pesquisa como processos que se constituem mutuamente. González Rey, Mitjáns-Matínez & Puentes (Org.), *Epistemologia Qualitativa e Teoria da Subjetividade: discussões sobre educação e saúde*, 183-202.

Mori, V. D., & Rey, F. G. (2012). A saúde como processo subjetivo: uma reflexão necessária. *Psicologia: teoria e prática*, 14(3), 140-152.

Soares, L. E. (1990). O Santo Daime no contexto da nova consciência religiosa. *Cadernos do ISER*, 23.

Tavares, F. R. G. (2012). Alquimista da cura: a rede terapêutica alternativa em contextos urbanos. Edufba.